

A(s) minha(s) língua (s):

Bilinguismo e o direito à diversidade linguística

Hanna Jakubowicz Batoréo

Universidade Aberta, Lisboa

1. Diversidade linguística

Uma das características da linguagem humana é a sua **extraordinária diversidade**. Calcula-se que, no limiar do século XXI, mais de 6000 línguas sejam faladas no mundo inteiro. No entanto, quando se pede a um não especialista que calcule quantos idiomas são hoje falados no mundo, habitualmente o número total é subestimado, variando as respostas entre algumas dezenas e algumas centenas, facto que demonstra a falta de conhecimento metalinguístico a respeito deste tipo de diversidade.

A **distribuição das línguas pelo globo** é muito desigual, o que parece claramente visível, se compararmos, por exemplo, a vasta área da China onde é falado o Mandarim, com a área da Nova Guiné e as ilhas circundantes da Austronésia, onde uma população de cerca de 5 milhões de pessoas fala cerca de 1000 línguas diferentes. Para dar um exemplo mais próximo do mundo da lusofonia, só no pequeno território de Timor-Leste, onde duas línguas – o Tétum e o Português – foram consagradas como oficiais pela Constituição do país, em 2002, uma população de, aproximadamente, um milhão de habitantes fala cerca de 20 línguas maternas diferentes.

À semelhança do mundo animal e vegetal, objectos de maior publicidade e atenção dispensadas, a **diversidade de línguas encontra-se também ameaçada**. A extinção das línguas está a ocorrer em todo o mundo, desde o *Manx*, a língua indígena celta da Ilha de Man, no Mar da Irlanda, cujo último falante morreu em 1974, (e que, posteriormente, acabou por ser parcialmente recuperada) até algumas línguas índias da Amazónia.

Entretanto, o renascimento bem sucedido de uma língua morta não é totalmente impossível, mas relativamente raro: o exemplo do Hebreu é o mais conhecido, além de outros pontuais, como o Galês, falado no país de Gales. A língua original de grande parte do Antigo Testamento, o Hebreu, não era falada ao longo de muito tempo a não

ser por estudiosos e nos cultos religiosos. Devido a um extraordinário esforço político da comunidade judaica, o idioma foi recuperado enquanto língua falada a partir dos finais do século XIX, sendo hoje uma língua nativa com mais de três milhões de falantes.

Se a recuperação de um idioma é uma excepção, **a extinção** das línguas é um facto cada vez mais presente no mundo actual. Segundo cálculos feitos pelos especialistas, grande parte dos idiomas hoje correntemente em uso deixará de o ser dentro de uma a quatro gerações. Perante esta situação, é imperioso salvaguardar o maior conhecimento possível destas línguas, para que a posteridade não perca por completo a riqueza deste aspecto da diversidade humana e da sua herança cultural.

2. Promoção do bilinguismo: uma ponte entre as línguas maioritárias e minoritárias

Além da diversidade linguística, existe uma outra característica indiscutível da linguagem humana: a de **o ser humano ser capaz de falar mais do que uma língua**. Se tomarmos em consideração que, no mundo, existem cerca de trinta vezes mais línguas do que países, a presença do bilinguismo/ multilinguismo em praticamente todos os países torna-se um facto óbvio, tal como a predominância de pessoas e nações bi/ multilingues. No entanto, não é fácil aceitar esta realidade nas comunidades em que a imagem do estado se tem vindo a construir com base na convicção da existência de unidade absoluta da língua nacional, tal como acontece ainda hoje numa grande parte dos países europeus. Esta imagem de unidade politicamente pré-construída sobrepõe, frequentemente, as imagens de língua oficial, língua nacional e língua materna. Defender diversidade, ou seja, a não homogeneidade linguística entre estas três categorias pode contribuir para o estremecimento da imagem da unidade de língua e, a partir daí, da imagem da própria sociedade que a utiliza.

A promoção do bilinguismo pode minimizar as preocupações originadas pelas tensões políticas em países com mais do que uma língua, ao servir de ponte para a língua e cultura dominantes sem que se abandone a língua e cultura minoritárias. É o exemplo de Basco ou Catalão em Espanha, casos em que a vontade de contrariar uma

substituição linguística está inevitavelmente associada à reivindicação da identidade cultural distintiva dos seus falantes.

Na verdade, **a existência de países monolíngues** não é mais do que **um mito**. Estudos linguísticos demonstram (cf. Romaine, 1995) que existem comunidades inteiras que são bilingues no sentido de que os seus membros utilizam comumente duas ou mais línguas no seu dia-a-dia, apesar de os países nos quais estão inseridas se considerarem monolíngues. Assim, por exemplo, afirmar que, no caso do Brasil, se trata de um país monolíngue é negar a existência de numerosíssimas minorias linguísticas dentro das quais se destacam comunidades indígenas e de imigrantes.

Também a sociedade portuguesa do século XXI está cada vez mais afastada do contexto estreito do monolinguismo oficial do século passado, conforme evidenciado pelo Projecto Gulbenkian *Diversidade Linguística na Escola Portuguesa* (Mateus *et al.* (org.) 2005 e 2006). Segundo este estudo, onze por cento dos alunos hoje residentes na área da Grande Lisboa nasceram fora de Portugal e têm como línguas maternas cinquenta e oito idiomas diferentes. Esta nova situação exige um olhar, uma aprendizagem e uma intervenção diferentes sobre a nova realidade linguística em Portugal, bem como sobre a necessidade da integração do outro.

A nova situação exige, sobretudo, **o direito à diversidade linguística**, o direito ao reconhecimento das várias línguas maternas e às culturas por elas veiculadas, o direito à sua manutenção e protecção, luta contra o seu desaparecimento e perda, tudo isto a fim de contribuir para o desenvolvimento harmonioso da identidade e inserção social de quem fala as línguas minoritárias.

3. Como garantir os direitos à diversidade linguística? As vantagens do bilinguismo

O exemplo para a resposta à pergunta “Como garantir os direitos à diversidade linguística?” vem dos países tradicional e reconhecidamente bilingues como, por exemplo, o Canadá em que existe consciência metalinguística da necessidade de preservação da diversidade dos idiomas e culturas (cf. <http://www.mylanguage.ca>).

Baseando-se em resultados de investigação científica desenvolvida, sobretudo, ao longo dos últimos trinta anos em Linguística e, sobretudo, em Psicolinguística (cf. De Houwer (1990, 1995), Romaine (1995), Deuchar (2000) e, entre nós, Pereira (2005) e Batoréo (1989, 1991, 1998 e 2007)) defende-se que o **bilinguismo individual** deve ser desenvolvido e promovido por garantir **vantagens de carácter psicológico, social e educacional** não só a nível individual, mas também a nível da sociedade em que o indivíduo se insere. O bilinguismo permite manter e proteger as línguas minoritárias faladas em casa e em família, acabando por constituir uma ponte entre esta e a cultura da língua dominante. Se o bilinguismo não for cultivado nem protegido, os idiomas falados em casa estão em risco de ficarem, gradualmente, subjugados à língua maioritária até acabarem por desaparecer. Nos países com grandes tradições bilingues como o Canadá, o trabalho desenvolvido nas comunidades de imigrantes, com os pais, com os professores e outros agentes de ensino demonstra que, da parte da sociedade, existe necessidade urgente de receber informação no que diz respeito à realidade multilingue. Esta informação abrange áreas como a (i) de aquisição/aprendizagem de duas ou mais línguas, (ii) da importância das línguas minoritárias faladas apenas em casa e em família, (iii) da natureza do bilinguismo, das suas vantagens e desvantagens, assim como (iv) das estratégias de protecção que se podem desenvolver em relação às línguas minoritárias.

Quando os idiomas falados em casa são protegidos, **todos têm a ganhar**: as crianças tornam-se falantes bilingues com autoconfiança, os membros da família de gerações diferentes podem comunicar de modo eficaz, enquanto a escola passa a ser um lugar onde as diferenças linguísticas, em vez de estigmatizarem e marginalizarem, se tornam fontes de novos valores, complementares aos da cultura maioritária.

“What you will find on this website comes from minority language research. Work with immigrant parents, classroom teachers and child care providers has shown that there is an urgent need to concretely address the minority language question, to provide parents and professionals with information about dual language learning, the importance of the home language, the nature of bilingualism and strategies for protecting home languages. The fragility of home

languages tells us that they require attention, planning and nurturing. When home languages are protected, everyone wins: children become confident bilinguals who do well in school, family members are able to communicate in meaningful ways and classrooms become places where children's linguistic differences are viewed as resources.” (cf. <http://www.mylanguage.ca>)

Por conseguinte, **do ponto de vista psicológico**, saber línguas minoritárias, faladas em casa e em família, assim como usá-las em contextos quotidianos contribuirá para desenvolver a segurança e o orgulho da identidade minoritária, reforçando o entendimento das raízes e da herança cultural a ela inerente. **A nível social**, a grande vantagem é a sustentação da comunicação intergeracional com os pais, avós e outros parentes. Graças a estas práticas, ao utilizar a língua minoritária em **casa**, os mais novos podem aprender práticas tradicionais e religiosas do povo de que a sua família é originária, bem como ter acesso a uma visão do mundo mais ampla, diversificada e alargada. O conhecimento de línguas e culturas diferentes permite-lhes desenvolver mais contactos sociais e dispor, à partida, de mais hipóteses no mercado de trabalho numa sociedade global cada vez mais competitiva.

Os linguistas defendem (cf. bibliografia) que, do ponto de vista cognitivo, a criança não tem necessidade de *substituir* a língua minoritária pela maioritária, mas apenas *acrescentar* uma à outra, não receando interferências. Pelo contrário, aprender uma língua nova significa aprender novas palavras para objectos e conceitos já conhecidos, aprender a utilizar estruturas novas, acrescentando-as às já existentes, para referir realidades conhecidas, bem como conhecer e aprender a referir realidades e experiências novas. Este enriquecimento irá proporcionar maior sucesso da criança na escola: permitirá obter bons resultados nos testes e exames, ter vantagens na aprendizagem de leitura, apresentar bons resultados em matemática, no raciocínio lógico e na resolução de problemas, além de proporcionar potencialidades para aprendizagem de outras línguas novas.

A fim de promover o bilinguismo dos filhos, **a cooperação dos pais** a nível familiar é indispensável. Para esta iniciativa resultar, é preciso que os pais estejam

esclarecidos e percebam que, do ponto de vista linguístico, a utilização de mais de uma língua não confunde os seus filhos e que a mistura das duas línguas constitui **uma etapa normal** no processo de aquisição da linguagem pelas crianças bilingues (cf. Batoréo 2007). Os pais devem encorajar a utilização da língua minoritária em casa, aproveitando todas as oportunidades para falar com os filhos. Deste modo, o envolvimento dos pais no processo de aprendizagem e do uso da língua minoritária comprova, de um modo autêntico e activo, a sua importância quer na vida do indivíduo quer na da comunidade.

No entanto, é preciso termos sempre presente que o fenómeno de **bilinguismo equilibrado**, em que o conhecimento dos dois idiomas – do maioritário e do minoritário – em graus igualmente satisfatórios, é um fenómeno extremamente raro. À medida que a criança for aprendendo a língua maioritária, isto é, à medida que for recebendo nela cada vez mais *input* linguístico, mais diversificado e de maior qualidade, o seu domínio deste idioma pode crescer em detrimento do outro, no qual a exposição é menos forte e menos diversificada. Mas mesmo que o bilinguismo não seja equilibrado e a língua maioritária se torne dominante em relação a outra, as vantagens do fenómeno em si continuam presentes, trazendo tanto ao indivíduo como à sociedade vantagens de todo um leque psicossociolinguístico.

4. Conclusões

O mundo moderno é constituído pelas sociedades em que o monolinguismo é cada vez mais um mito e o uso diário de mais do que uma língua constitui a realidade da maioria das populações, conduzindo a práticas de bi/ multilinguismo.

O **bilinguismo**, isto é, o conhecimento e uso de mais do que uma língua no dia-a-dia de um indivíduo constitui um único garante real **do seu direito à diversidade linguística**, o que, a nível da sociedade, se traduz pelo

- direito ao reconhecimento das várias línguas maternas e às culturas por elas veiculadas;
- direito à sua manutenção e protecção;
- luta contra o seu desaparecimento e perda.

O bilinguismo deve ser apoiado e promovido, tendo em conta os resultados de investigação científica desenvolvida nas últimas décadas, segundo os quais as vantagens deste fenómeno são inegáveis tanto a nível cognitivo como social e educacional.

É deste modo que o direito à diversidade linguística contribui para o desenvolvimento harmonioso da identidade e inserção social de quem fala as línguas minoritárias, garantindo funcionamento da sociedade no seu todo.

BIBLIOGRAFIA

AAVV (2002). *O Atlas das Línguas. A origem e a Evolução das Línguas no Mundo*. Lisboa: Editorial Estampa.

BATORÉO, Hanna Jakubowicz (1989). *A Categoria Linguística Aspecto no Discurso Conversacional de uma Criança Bilingue aos Cinco Anos de Idade*. Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

- (1991). *Crescer Com Duas Línguas: Aquisição da Linguagem por uma Criança Luso-Polaca até aos Cinco Anos de Idade*, ms.

- (1998). Some Morphosyntactic Phenomena in the Mixed Period of Language Acquisition in a Polish-Portuguese Bilingual Child: Acquisition of Case Markers. In *Psychology of Language and Communication*”, Vol. 2, nº 1. pp.63-73.

- (2006). Diversidade como forma visível da dimensão mundial da Língua Portuguesa – Perspectiva do Português Europeu. In HORA, Demerval *et al.* (org.) *Língua(s) e Povos: Unidade e Diversidade*, CD-ROM. João Pessoa: UFPB/CIPLA. pp.90-94.

- (2007). Bilingual Acquisition Revisited. Some Implications of a Polish-Portuguese Case Study. Twenty Years Later. In Cieszynska, B E. (ed) (2007) *Iberian and Slavonic Cultures: Contact and Comparison*. Lisboa: Compares. pp.321-331.

DE HOUVER, Annette (1990). *The Acquisition of Two Languages from Birth: A Case Study*. Cambridge: Cambridge University Press.

- (1995). Bilingual Language Acquisition. In P. Fletcher and B. MacWhinney (eds.). *The Handbook of Child language*. Oxford: Blackwell. pp.219-250.

DEUCHAR, Margaret and Suzanne QUAY (2000). *Bilingual Acquisition. Theoretical Implications of a Case Study*. Oxford: Oxford University Press.

MATEUS, Maria Helena Mira, Glória FISCHER e Dulce PEREIRA (org) (2005/ 2006). *Diversidade Linguística na Escola Portuguesa*, CD-Rom 1 e 2. Lisboa: ILTEC.
<http://www.iltec.pt/diversidade> (Fevereiro 2008)

OSTLER, Nicholas (2005). *Empires of the World. A Language History of the World*. New York, London, Toronto, Sydney: Harper Perennial.

PEREIRA, Dulce (2005). A Diversidade Linguística em Portugal. In:
<http://www.iltec.pt/diversidade> (Fevereiro 2008)

ROMAINE, Suzanne (1995). *Bilingualism*, 2nd edition, Oxford: Blackwell.
<http://www.mylanguage.ca> (Fevereiro 2008)